ISSN: 2358-8829

RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E LINGUAGEM VISUAL: UMA PRÁTICA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Thiago da Silva Melo [1]

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia busca desenvolver a capacidade de interpretar as relações que produzem e transformam o espaço geográfico, ultrapassando a memorização de informações e favorecendo a construção de explicações sobre a realidade, perspectiva na qual o raciocínio geográfico assume papel central ao mobilizar conceitos e princípios próprios da disciplina para compreender os fenômenos espaciais. (Castellar; de Paula, 2020)

Os conceitos de pensamento espacial e raciocínio geográfico não são equivalentes, pois localizar fenômenos, reconhecer padrões e interpretar representações não assegura, isoladamente, a compreensão dos processos que organizam o espaço, sendo necessário articular essas operações aos conhecimentos geográficos para explicar as relações entre os fenômenos e suas manifestações territoriais. (Pereira; Castellar, 2024)

A utilização de diferentes linguagens nas aulas de Geografia oferece possibilidades para trabalhar essas relações, especialmente quando imagens, fotografias e textos são integrados à interpretação dos conteúdos, em vez de serem empregados apenas como ilustrações, uma vez que as representações visuais podem favorecer a observação, a seleção e a organização de informações, contribuindo para a construção do conhecimento geográfico quando acompanhadas de intencionalidade pedagógica e mediação docente.

A produção de materiais visuais pelos estudantes constitui uma possibilidade didática para explorar essa articulação entre representação e conhecimento, pois envolve escolhas sobre quais informações selecionar, como organizá-las e de que maneira relacionar imagens e textos.

[1] Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (Uel-PR). Professor EBTT no Instituto Federal de Mato Grosso, campus Sinop, thiago.melo@ifmt.edu.br.

Essa discussão adquire particular relevância no estudo da industrialização brasileira, processo histórico marcado por transformações econômicas, políticas e territoriais que modificaram a organização produtiva e as relações sociais, cuja compreensão geográfica requer relacionar diferentes períodos históricos às mudanças na distribuição espacial das atividades industriais, superando abordagens centradas na memorização de acontecimentos e governos para favorecer a reflexão sobre as transformações do espaço e suas relações com a dinâmica populacional.

A abordagem de processos históricos distantes da realidade imediata dos estudantes pode apresentar dificuldades de visualização e contextualização, sobretudo quando os fenômenos estudados não podem ser observados diretamente em suas condições originais, situação que motivou a experiência pedagógica discutida neste trabalho, na qual fotografias históricas foram incorporadas à produção de folders temáticos como recurso para aproximar os conteúdos sobre a industrialização brasileira de suas representações visuais.

A experiência foi desenvolvida no primeiro bimestre de 2026, com 90 estudantes de três turmas do terceiro ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), Campus Sinop, no componente curricular Geografia, tendo como referência os objetivos de relacionar o crescimento populacional aos níveis históricos de industrialização dos países e compreender como esse processo transforma o espaço geográfico e as relações sociais.

O trabalho busca responder à seguinte questão: quais são as possibilidades e os limites da produção de folders temáticos, articulando linguagem visual e escrita, como estratégia didática para abordar o raciocínio geográfico no estudo da industrialização brasileira?

O objetivo geral consiste em analisar as possibilidades e os limites dessa estratégia didática a partir da experiência desenvolvida com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, discutindo a articulação entre imagens e textos, a organização dos conteúdos históricos e geográficos e os desafios pedagógicos envolvidos na produção colaborativa de materiais visuais.

O artigo caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica fundamentado teoricamente, cuja análise se concentra no planejamento, no desenvolvimento e na socialização da atividade, articulando a reflexão sobre a prática docente aos estudos sobre educação geográfica, pensamento espacial, raciocínio geográfico e linguagens

visuais, sem pretender mensurar a aprendizagem dos estudantes ou estabelecer relações causais entre a proposta e eventuais mudanças no desempenho escolar.

A contribuição pretendida consiste em discutir criticamente as possibilidades de utilização de fotografias históricas e produção digital de folders no ensino da industrialização brasileira, considerando tanto as oportunidades de organização e comunicação dos conteúdos quanto as dificuldades técnicas e colaborativas observadas.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvido no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), Campus Sinop, durante o primeiro bimestre de 2026, com 90 estudantes de três turmas do terceiro ano do Ensino Médio, tendo como foco a produção de folders digitais sobre a industrialização brasileira, articulando linguagens visual e escrita no ensino de Geografia.

A atividade foi desenvolvida ao longo de dez aulas de 50 minutos, totalizando 8 horas e 20 minutos, organizadas em três etapas, sendo as seis primeiras destinadas à abordagem expositivo-dialogada dos conteúdos, com apoio de livro didático e slides, as duas seguintes à produção dos folders em laboratório de informática e as duas últimas à apresentação e socialização dos trabalhos.

Na etapa de produção, os estudantes organizaram-se em duplas, totalizando 45 grupos, com liberdade para escolher os parceiros e um dos quatro recortes temáticos propostos: o período anterior à industrialização brasileira, a industrialização durante o governo de Getúlio Vargas, a industrialização durante a ditadura militar e a industrialização após a redemocratização.

Para elaborar os materiais, utilizaram um site gratuito com modelos editáveis, realizaram pesquisas na internet e selecionaram fotografias relacionadas aos temas, sendo orientados a priorizar fontes oficiais e confiáveis, identificar as referências consultadas e estabelecer relações entre as imagens e os textos explicativos.

Durante o processo, o professor acompanhou a elaboração dos materiais, esclarecendo dúvidas, orientando a produção textual e oferecendo sugestões para a seleção das fotografias, sem estabelecer um modelo rígido para a organização dos folders.

ISSN: 2358-8829

A etapa final consistiu em apresentações orais de aproximadamente dez minutos por dupla, seguidas de questionamentos dos colegas e comentários do professor, possibilitando a socialização dos trabalhos e a discussão dos diferentes períodos históricos abordados.

A avaliação foi realizada por meio de nota de zero a dez, correspondente a uma das três avaliações bimestrais da disciplina, considerando a relevância das imagens selecionadas, a correspondência entre as imagens e os textos, a qualidade da produção escrita e a utilização das fontes consultadas.

Para a elaboração deste relato, foram consideradas as observações do professor durante o desenvolvimento da atividade, incluindo o envolvimento dos estudantes, as dúvidas apresentadas, as dificuldades de edição dos materiais digitais, os desafios relacionados à participação dos integrantes das duplas e os aspectos observados durante as apresentações.

Não foram aplicados questionários, realizadas entrevistas ou utilizados instrumentos sistemáticos específicos para coleta de dados, tampouco foi conduzido um procedimento destinado a mensurar diretamente a aprendizagem dos conteúdos.

A análise se limita à descrição e à reflexão sobre o desenvolvimento da experiência pedagógica, sem atribuir à atividade resultados de aprendizagem que não tenham sido sistematicamente verificados.

Quanto aos aspectos éticos, a experiência não foi submetida à apreciação de Comitê de Ética em Pesquisa. O artigo não reproduzirá imagens dos folders elaborados pelos estudantes, nem apresentará materiais visuais que permitam identificar seus autores.

As fotografias utilizadas pelos grupos durante a atividade foram selecionadas para fins didáticos, com orientação para identificação das fontes consultadas, sendo essa orientação distinta da autorização para reprodução das imagens em publicação científica, a descrição da experiência prioriza o processo pedagógico, sem expor os materiais individuais dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação geográfica não se limita à transmissão de informações sobre lugares, fenômenos e processos espaciais, pois envolve a construção de conhecimentos que

permitam aos estudantes interpretar as relações entre sociedade e natureza e compreender como diferentes processos participam da produção e da transformação do espaço geográfico (Castellar, 2005).

Castellar e De Paula (2020) discutem as relações entre pensamento espacial e raciocínio geográfico, destacando a importância de compreender como os fenômenos se distribuem, se relacionam e se organizam espacialmente, de modo que o conhecimento geográfico seja mobilizado para interpretar situações concretas e estabelecer conexões entre diferentes componentes da realidade.

A discussão sobre os fundamentos do raciocínio geográfico na educação brasileira também é desenvolvida por Pereira e Castellar (2024), que contribuem para situar esse conceito no debate contemporâneo sobre a educação geográfica, enquanto Botelho e Castellar (2025) relacionam a cultura científica às possibilidades de potencialização do raciocínio geográfico, reforçando a relevância de práticas educativas que favoreçam a interpretação, a problematização e a construção de explicações sobre os fenômenos estudados.

O ensino da industrialização brasileira deve ser abordado para além da sucessão cronológica de governos e políticas econômicas, uma vez que o fenômeno envolve transformações na organização do território, na distribuição das atividades produtivas, nas relações de trabalho e nas dinâmicas urbanas, exigindo que os estudantes estabeleçam relações entre processos históricos e mudanças socioespaciais.

A construção do conhecimento geográfico escolar também demanda atenção às formas de representação utilizadas na aprendizagem, pois mapas, fotografias, desenhos, textos e outras linguagens participam da maneira como os sujeitos observam, organizam e interpretam informações sobre o mundo. (Carreiro, 2003; Castellar, 2005).

É necessário observar tanto aquilo que a imagem apresenta quanto os aspectos que permanecem fora de seu campo de representação, conforme permite problematizar a discussão de Ferraz (2009) sobre o olhar geográfico e a imagem pictórica.

Essa compreensão é particularmente relevante para o uso de fotografias históricas, pois elas podem aproximar os estudantes de paisagens, atividades econômicas, formas de trabalho e configurações urbanas de outros períodos, mas sua interpretação depende de contextualização e de articulação com conhecimentos que permitam compreender as circunstâncias de produção da imagem.

ISSN: 2358-8829

Ao discutir as fotografias aéreas verticais no ensino de Geografia, Cazetta (2003) analisa possibilidades de construção de conceitos geográficos a partir da observação e da elaboração de representações, evidenciando a importância de envolver os estudantes em operações de leitura e interpretação das imagens.

Embora esses estudos se concentrem em fotografias aéreas e imagens relacionadas à representação espacial, suas contribuições oferecem subsídios para refletir sobre o emprego pedagógico de fotografias históricas, desde que se reconheçam as diferenças entre os tipos de imagem e as finalidades de cada atividade, pois a fotografia de um estabelecimento industrial, de trabalhadores ou de uma paisagem urbana não revela, por si só, todas as relações sociespaciais envolvidas no processo.

A articulação entre imagem e linguagem verbal também é importante para a construção do conhecimento escolar, como discute Compiani (2013) ao examinar práticas educativas que relacionam narrativas, desenhos e representações visuais no trabalho com temas geocientíficos, indicando a relevância de aproximar observação, leitura, produção de narrativas e elaboração de representações, de modo que as linguagens sejam mobilizadas conjuntamente na construção de explicações.

A fotografia pode constituir um ponto de partida para formular perguntas, identificar elementos da paisagem, comparar períodos e levantar hipóteses, enquanto a escrita permite explicitar interpretações, relacionar evidências visuais a informações históricas e organizar explicações sobre os processos representados, de modo que a combinação entre imagem e texto seja entendida como uma prática de elaboração de significados, e não apenas como uma composição estética.

A reflexão de Oliveira Jr. (2017) sobre as relações entre educação, espaço e linguagem contribui para ampliar essa discussão ao considerar que as linguagens participam da produção de sentidos sobre os espaços, enquanto Ferraz (2009) ajuda a problematizar o olhar dirigido às imagens, permitindo compreender que o trabalho pedagógico com fotografias requer intencionalidade didática e mediação docente para que a observação se transforme em interpretação geográfica.

A produção de materiais pelos próprios estudantes acrescenta uma dimensão importante ao trabalho com linguagens visuais, pois exige selecionar informações, decidir quais imagens são pertinentes, organizar textos e construir uma apresentação coerente entre os elementos escolhidos, mobilizando procedimentos de pesquisa, síntese e comunicação.

A experiência discutida por Perinelli e Paziani (2015), centrada na produção de curtas-metragens e em suas relações com o ensino de História e Geografia e a formação docente, oferece uma referência para pensar a produção audiovisual como prática educativa que envolve escolhas de linguagem e elaboração de narrativas, ainda que a produção de vídeos apresente características distintas da criação de folders digitais, especialmente quanto à temporalidade, à edição e à organização das informações.

A elaboração de um folder digital pode ser compreendida, nesse sentido, como uma atividade de composição visual e textual que requer transformar informações pesquisadas em uma síntese comunicável, selecionando fotografias, relacionando-as aos conteúdos e justificando sua pertinência no conjunto do material, o que cria oportunidades para trabalhar a leitura crítica das fontes e a organização de explicações sobre o processo histórico-geográfico estudado.

No estudo da industrialização brasileira, essa distinção assume relevância porque a escolha de uma fotografia precisa estar relacionada ao período histórico e ao aspecto do processo que se pretende discutir, evitando que a imagem seja escolhida apenas por sua aparência ou por associação superficial ao tema, de modo que o texto explicativo, a identificação da fonte e a contextualização histórica contribuam para construir uma leitura fundamentada do fenômeno.

A produção de folders digitais pode ser compreendida como uma estratégia didática potencialmente pertinente à articulação entre linguagem visual, escrita e conhecimento geográfico, desde que orientada por questões que favoreçam a contextualização das imagens e a compreensão das transformações socioespaciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência envolveu 90 estudantes de três turmas do terceiro ano do Ensino Médio do IFMT, Campus Sinop, organizados em 45 duplas para a produção de folders digitais sobre a industrialização brasileira, em uma sequência didática de dez aulas que articulou exposição dialogada, pesquisa na internet, seleção de fotografias, elaboração textual e apresentação oral dos materiais.

O envolvimento dos estudantes foi observado durante a realização das atividades, especialmente na pesquisa de informações, na seleção das fotografias e na solicitação de orientações ao professor sobre a pertinência das imagens escolhidas,

indicando participação nas diferentes etapas da proposta, embora esse comportamento não constitua, isoladamente, evidência de aprendizagem conceitual ou de desenvolvimento efetivo do raciocínio geográfico.

Essa distinção é importante diante da concepção de educação geográfica discutida por Castellar (2005), segundo a qual a construção do conhecimento escolar exige considerar os processos pelos quais os estudantes elaboram e reorganizam seus conhecimentos, ultrapassando a simples transmissão de informações, perspectiva que permite interpretar a atividade como uma oportunidade de mobilização intelectual, sem pressupor que a participação observada tenha produzido necessariamente uma aprendizagem duradoura.

No caso da industrialização brasileira, essa perspectiva implica relacionar os diferentes períodos históricos às transformações territoriais, às atividades produtivas e às relações sociais, em vez de restringir o estudo à memorização de governos ou acontecimentos, de modo que a produção dos folders ofereceu uma estrutura didática para organizar informações sobre diferentes momentos do processos.

A seleção de fotografias constituiu uma etapa central da atividade, pois os estudantes precisaram localizar imagens relacionadas aos recortes históricos escolhidos e estabelecer correspondências entre os registros visuais e os textos explicativos, contando com orientações do professor para avaliar a pertinência das escolhas, o que tornou a pesquisa imagética parte integrante da elaboração dos materiais.

A experiência dialoga com Ferraz (2009), cuja reflexão sobre Geografia, olhar e imagem pictórica permite problematizar a relação entre representação visual e interpretação geográfica, reconhecendo que uma imagem não deve ser compreendida como reprodução transparente da realidade, mas como uma representação que demanda leitura contextualizada, especialmente quando utilizada para discutir processos históricos e socioespaciais.

Essa questão assume relevância no estudo da industrialização, uma vez que fotografias de fábricas, trabalhadores, equipamentos ou paisagens urbanas podem oferecer referências visuais sobre determinados períodos, mas não explicam isoladamente as condições econômicas, políticas e sociais que produziram essas configurações, sendo necessário relacionar os elementos visíveis às informações históricas e geográficas mobilizadas na atividade.

ISSN: 2358-8829

A orientação para identificar as fontes consultadas e relacionar as fotografias aos textos explicativos procurou conferir maior consistência à composição dos materiais, evitando que a escolha das imagens se limitasse ao apelo visual, embora não tenha sido empregado um instrumento específico para avaliar a capacidade dos estudantes de identificar vieses, ausências ou limites de representação nas fotografias selecionadas.

A elaboração dos folders exigiu combinar elementos visuais e escritos em um mesmo produto, integrando fotografias, informações pesquisadas e textos explicativos, o que criou condições para que os estudantes organizassem uma síntese sobre os recortes históricos estudados e tomassem decisões sobre a apresentação das informações, sem que isso permita afirmar, por si só, que tenham desenvolvido maior domínio conceitual.

A produção de um recurso visual pode ultrapassar a função de apresentar informações previamente definidas quando envolve pesquisa, seleção, organização e interpretação, pois o estudante precisa decidir quais elementos incluir e como relacioná-los ao tema, embora a qualidade dessas decisões dependa da mediação pedagógica e não possa ser inferida apenas da existência do produto final.

No caso da atividade realizada, o professor ofereceu orientações sobre a escrita e a seleção de fotografias, esclareceu dúvidas e sugeriu ajustes durante o processo, configurando uma mediação importante para a realização da tarefa, mas não há dados sistemáticos que permitam determinar quais intervenções produziram mudanças nos materiais ou em que medida os estudantes incorporaram as sugestões recebidas.

O uso de um site gratuito com modelos editáveis possibilitou a produção digital dos folders e ofereceu uma estrutura para organizar textos e fotografias, mas a experiência também revelou dificuldades de edição entre alguns estudantes, apesar de sua familiaridade cotidiana com celulares, redes sociais e aplicativos de mensagens, demonstrando que o uso frequente de tecnologias não corresponde necessariamente ao domínio das operações exigidas para produzir materiais acadêmicos ou didáticos.

Esse resultado evidencia a necessidade de evitar uma associação automática entre presença de recursos digitais e inovação pedagógica, uma vez que o valor educativo da ferramenta depende dos objetivos da atividade, da forma como é utilizada e das oportunidades de aprendizagem que oferece, exigindo que a mediação docente contemple tanto o conteúdo geográfico.

A proposta também encontrou desafios relacionados ao trabalho em duplas, pois alguns estudantes relataram participação desigual entre os integrantes, o que indica que a organização colaborativa precisa ser acompanhada de estratégias para distribuir responsabilidades e monitorar o envolvimento de cada participante, sem que seja possível generalizar esses relatos para todos os grupos.

As atividades baseadas na produção discente demandam planejamento, orientação técnica e acompanhamento das relações de colaboração, de modo que as dificuldades identificadas não sejam interpretadas apenas como obstáculos individuais, mas também como aspectos relevantes para aperfeiçoar a organização e a mediação de experiências pedagógicas semelhantes.

As apresentações orais, realizadas em aproximadamente dez minutos por dupla, seguidas de questionamentos dos colegas e comentários do professor, constituíram a etapa de socialização dos materiais, permitindo compartilhar os recortes históricos selecionados e comunicar as sínteses produzidas durante a atividade, embora não tenham sido utilizados instrumentos específicos para analisar sistematicamente a qualidade das argumentações apresentadas.

A avaliação dos folders considerou quatro critérios: relevância das imagens selecionadas, correspondência entre imagens e textos, qualidade da produção escrita e utilização das fontes consultadas, com atribuição de nota de zero a dez, correspondente a uma das três avaliações bimestrais da disciplina, articulando aspectos relacionados à seleção de informações, à coerência da composição e à comunicação dos conteúdos.

Esses critérios são pertinentes à proposta porque valorizam a relação entre os elementos visuais e escritos, em vez de priorizar exclusivamente a aparência do material.

A discussão de Reis Junior, Silva e Figueiredo (2018) sobre a natureza da ciência geográfica contribui para reforçar a importância de explicitar os fundamentos do conhecimento geográfico no ensino escolar, evitando que as atividades se restrinjam à reprodução de informações sem reflexão sobre como o conhecimento é produzido e interpretado, aspecto que pode orientar o aperfeiçoamento de propostas como a relatada.

Os resultados permitem reconhecer como potencialidades da proposta a articulação entre pesquisa, fotografia, escrita e apresentação oral, bem como a participação dos estudantes na organização dos materiais, enquanto as dificuldades de

edição digital e de colaboração entre integrantes de algumas duplas evidenciam aspectos que demandam atenção no planejamento de atividades semelhantes.

A principal limitação analítica decorre da ausência de instrumentos sistemáticos destinados a investigar a aprendizagem, pois as observações realizadas pelo professor permitiram descrever o envolvimento, as dificuldades e o desenvolvimento das etapas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica evidenciou possibilidades de articulação entre linguagem visual e escrita no ensino da industrialização brasileira, por meio da produção de folders digitais que envolveram pesquisa, seleção de fotografias, elaboração de textos e apresentação oral, configurando uma estratégia didática alinhada à discussão sobre raciocínio geográfico e construção do conhecimento escolar.

Entre as potencialidades observadas, destacaram-se o envolvimento dos estudantes na elaboração dos materiais e a oportunidade de trabalhar a interpretação de imagens e a organização de informações, enquanto as dificuldades de edição digital e de colaboração entre integrantes de algumas duplas evidenciaram a importância da mediação docente e do acompanhamento das etapas de produção.

Como limitação, a ausência de instrumentos sistemáticos para avaliar a aprendizagem impede afirmar que a atividade tenha promovido avanços efetivos no desenvolvimento do raciocínio geográfico, indicando a necessidade de pesquisas futuras que investiguem essas contribuições com procedimentos específicos de coleta e análise de dados.

Palavras-chave: Industrialização; Didática; Ensino; Educação geográfica; Análise espacial.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, L. A. L. A.; CASTELLAR, S. M. V. A cultura científica na educação geográfica: potencializando o raciocínio geográfico. **Geo UERJ**, n. 47, 2025. DOI: https://doi.org/10.12957/geouerj.2025.82882.

CARREIRO, M. S. A. Um olhar geográfico sobre a construção do atlas municipal e escolar de Rio Claro. **Cadernos CEDES**, v. 23, n. 60, p. 169–178, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32622003000200004.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos CEDES**, v. 25, n. 66, p. 209–225, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200005.

CASTELLAR, S. M. V.; DE PAULA, I. R. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 294–322, 2020. DOI: https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.922.

CASTELLAR, S. M. V.; PEREIRA, C. M. R. B. For a powerful Geography Education. **GEOUSP**, v. 29, n. 1, 2025. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2025.232084.

CAZETTA, V. As fotografias aéreas verticais como uma possibilidade na construção de conceitos no ensino de Geografia. **Cadernos CEDES**, v. 23, n. 60, p. 210–217, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32622003000200008.

CAZETTA, V. O status de realidade das fotografias aéreas verticais no contexto dos estudos geográficos. **Pro-Posições**, v. 20, n. 3, p. 71–86, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300006.

COMPIANI, M. Narrativas e desenhos (imagens) no ensino fundamental com temas geocientíficos. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 3, p. 715–737, 2013. DOI: https://doi.org/10.1590/S1516-73132013000300013.

FERRAZ, C. B. O. Geografia: o olhar e a imagem pictórica. **Pro-Posições**, v. 20, n. 3, p. 29–41, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300003.

OLIVEIRA JR., W. M. Em busca do lá: educação, espaço e linguagem. **Educação & Realidade**, v. 42, n. 3, p. 1161–1182, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-623660859.

PEREIRA, C. M. R. B.; CASTELLAR, S. M. V. Fundamentos do raciocínio geográfico e educação geográfica brasileira. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 14, n. 24, p. 5–30, 2024. DOI: https://doi.org/10.46789/edugeo.v14i24.1478.

PERINELLI NETO, H.; PAZIANI, R. R. Cinema, prática de ensino de História e Geografia e formação docente: produção de curtas-metragens — experiências e estudos de caso. **Educação em Revista**, v. 31, n. 4, p. 279–304, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-4698136609.

REIS JUNIOR, D. F. C.; SILVA, B. M.; FIGUEIREDO, E. L. D. "Natureza da ciência geográfica": diagnóstico e possibilidades de inserção de epistemologia no ensino escolar e na formação de professores de Geografia. **Ciência & Educação**, v. 24, n. 1, p. 191–208, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1516-731320180010013.